

**PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DEPRESSIVOS ENTRE ESTUDANTES DE
MEDICINA DO ESTADO DE GOIÁS: INVENTÁRIO DE DEPRESSÃO DE BECK**

**PREVALENCE OF DEPRESSIVE SYMPTOMS AMONG MEDICINE STUDENTS IN
THE STATE OF GOIÁS: BECK'S DEPRESSION INVENTORY**

Recebido em: 24/02/2023

Aceito em: 19/04/2023

Gustavo Machado Trigueiro¹ 

Isabella Helena Caixeta de Oliveira² 

Aristóteles Mesquita de Lima Netto³ 

Resumo: Os acadêmicos do curso de Medicina estão expostos diariamente a situações de estresse, sendo potencialmente suscetíveis a desenvolverem depressão. Dessa forma, objetiva-se analisar a prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Goiás. Trata-se de um estudo transversal, observacional, de abordagem quantitativo-descritivo, cuja amostra foi composta por 30 indivíduos de ambos os sexos. Foram utilizados como instrumentos o Inventário de Depressão de Beck (BDI-II) e um questionário sociodemográfico. A prevalência de sintomas depressivos foi de 56,7%, sendo não identificado diferença estatística significativa na associação entre os níveis de sintomas depressivos e os fatores sociodemográficos. Tais dados foram de encontro com outras pesquisas semelhantes, corroborando com a concepção que os acadêmicos de Medicina são mais passíveis de experimentarem a sintomatologia depressiva. Assim, espera-se que este estudo contribua para a promoção da redução dos impactos negativos do ambiente acadêmico na saúde mental.

Palavras-chave: Transtorno Depressivo; Estudantes de Medicina; Avaliação Psicológica.

Abstract: Medical students are exposed to stressful situations on a daily basis, being potentially susceptible to developing depression. Thus, the objective is to analyze the prevalence of depressive symptoms in medical students at a higher education institution in the state of Goiás. This is a cross-sectional, observational study with a quantitative-descriptive approach, whose sample consisted of 30 individuals of both sexes. The Beck Depression Inventory (BDI-II) and a sociodemographic questionnaire were used as instruments. The prevalence of depressive symptoms was 56.7%, and no statistically significant difference was identified in the association between levels of depressive symptoms and sociodemographic factors. Such data were in line with other similar studies, corroborating the conception that medical students are more likely to experience depressive symptoms. Thus, it is expected that this study will contribute to promoting the reduction of the negative impacts of the academic environment on mental health.

Keyword: Depressive Disorder; Medical Students; Psychological Assessment.

¹ Acadêmico do curso de Medicina, do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), Campus Trindade E-mail: gusttavotrigueiro@gmail.com

² Acadêmica do curso de Medicina, do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), Campus Trindade. E-mail: bellahcd@gmail.com

³ Docente do curso de Medicina, do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), doutor em Educação pela PUC-GO. E-mail: aristoteles@unifimes.edu.br

INTRODUÇÃO

A sociedade perpassa evoluções constantes a depender dos ciclos de gestão e influências econômicas, sociais e políticas. Contudo, na contemporaneidade a realidade pauta num cenário de extrema exigências, sendo quadros de estresse, angústia, ansiedade e depressão recorrentes, e tangendo para níveis epidemiológicos.

Noutros tempos, já se mencionava a depressão em algumas situações. A história do rei Saul, no Antigo Testamento, relata que ele se defrontava com uma síndrome depressiva. Também, há registro na narrativa do suicídio de Ajax na Ilíada, de Homero. Sabe-se que em 1621, foi publicado o primeiro texto escrito na língua inglesa integralmente referente a depressão, denominado de Anatomia da melancolia, de Robert Buront (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017, p. 347).

Logo, se faz mister conceituar a depressão, caracterizada como um transtorno mental grave, de percurso episódico, recorrente ou persistente no decorrer do tempo, a qual proporciona prejuízos nos domínios psicológicos, comportamentais, sociais, familiares e ocupacionais. Sendo correlacionada a custos econômicos e sociais elevados quando não é tratada corretamente (ALVARENGA; ANDRADE, 2008, p.141).

Segundo Mansur (2013), o termo “Depressão” é referenciado por leigos de forma errônea, como sentimento de tristeza, desinteresse ou luto. De forma geral, a tristeza é somente um de vários sintomas da síndrome depressiva. Para realizar o diagnóstico adequado é necessário levar em consideração todos os sintomas apresentados pelo paciente de forma que componham uma síndrome. Assim, a dinâmica diagnóstica deve ser intersetorial, pois as nuances comportamentais podem destoar de um quadro para o outro (MANSUR, 2013).

Observa-se, desde a segunda metade do século XX, aumento da prevalência da depressão e uma incidência cada vez maior em jovens (Coutinho *et al.*, 2003, p. 183). Na população geral, a prevalência da depressão varia de 2% a 7% (média de 4%), e ao longo da vida varia entre 16% e 20%, sendo a idade média de 30 a 35 anos (ALVARENGA; ANDRADE, 2008, p. 141).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2021), o transtorno depressivo acomete mais de 264 milhões de indivíduos no mundo, sendo mais comum em mulheres do que homens. Estima-se que 76% a 86% das pessoas que sofrem de transtornos mentais em países de baixa e média renda não possuem acesso ao tratamento adequado. Neste cenário, associa-se a baixa qualidade de vida e o baixo acesso a recursos de proteção à vida como agravantes em

adocimentos mentais, e a depressão tende a ser aflorada e potencializada ao passo que fatores de proteção são baixos ou inexistentes (OMS, 2021).

Na perspectiva etiológica a depressão envolve as influências genéticas e ambientais, as quais estão associados a uma disfunção de neurotransmissores, com ênfase na dopamina, noradrenalina e serotonina. Atualmente, acredita-se na existência de um modelo misto, o qual se apresenta com a atuação de diversos genes com efeito ínfimo, porém aditivo, e fatores ambientais que quando é ultrapassado certo limiar de exposição desencadeiam o transtorno em pessoas suscetíveis (MANSUR, 2013).

No que representa a manifestação clínica, a forma clássica do transtorno depressivo é o Transtorno Depressivo Maior, o qual se manifesta por humor deprimido que deve estar presente na maior parte do dia, na maioria dos dias; anedonia; perda ou ganho de peso significativo sem estar fazendo dieta; insônia ou hipersonia; agitação ou retardo psicomotor; fadiga ou perda de energia; sentimentos de inutilidade ou culpa excessiva; capacidade diminuída de concentração ou indecisão; pensamentos recorrentes de morte, ideação suicida ou tentativa de suicídio (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Para o diagnóstico, cinco ou mais dos sintomas citados devem estar presentes durante um período de duas semanas, sendo obrigatório apresentar humor deprimido e/ou anedonia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Todos os indivíduos são suscetíveis a desenvolverem questões associadas à depressão. Contudo, nos últimos anos, a saúde mental dos estudantes universitários é vista com constante preocupação. O estilo de vida universitário necessita de uma mobilização interna considerável, tendo em vista a submissão do indivíduo a elevados graus de estresse psíquico durante a jornada acadêmica (HAHN; FERRAZ; GIGLIO, 1999, p. 82).

O acesso a uma instituição de ensino superior é um evento singular para os jovens e, normalmente, ocorre durante o desenvolvimento psicossocial, caracterizado por mudanças bastantes significativas (ROSSETTO *et al.*, 2000). Durante a formação acadêmica, avalia-se que 15% a 25% dos discentes sofrem por algum tipo de transtorno psiquiátrico, especialmente transtornos depressivos e de ansiedade (ADEWUYA *et al.*, 2006).

Segundo Vallilo *et al.* (2011), diferentes estudos mostram que os acadêmicos de Medicina são potencialmente suscetíveis a desenvolverem sintomas depressivos devido à constante convivência dos fatores de risco da moléstia. O curso expressa sua singularidade em impor diversas situações estressantes: considerado um dos mais longos, com duração mínima de seis anos; carga horária semestral intensa; exaustão por horas de estudos devido a constantes

avaliações, sendo noites de sono interrompidas por noites de estudos. Soma-se a autocobrança para satisfazer suas expectativas, de familiares e da sociedade (OLIVEIRA, 2013, p. 06).

Entre os principais fatores que levam os estudantes de Medicina a desenvolverem transtornos emocionais, podemos citar a alta cobrança, responsabilidade e estresse da profissão médica, que não somente ocorre na profissão propriamente dita, mas inclusive no período de graduação (TATEBE *et al.*, 2019).

Enns *et al.* (2008), consideram que os acadêmicos do curso médico possuem um perfil de perfeccionismo, quando comparados com acadêmicos de outros cursos universitários, sendo exteriorizado um neuroticismo preditivo de desesperança momentânea e depressão.

Os estudantes passam por três fases psicológicas durante a passagem pelas faculdades de Medicina: (1) euforia inicial, decorrente do ingresso a uma Universidade e conquista de um sonho; (2) decepção, causada pelas mudanças extremas do cotidiano e toda cobrança do curso; (3) internato, composto por um período de adaptação e alta competitividade pelas vagas da residência médica (MILLAN *et al.*, 1999).

Obstantemente, é necessário lembrar que diversos países adotaram o isolamento social, com paralisação de escolas e universidades devido a pandemia causada pela COVID-19 (FARIAS, 2020 p. 04). De acordo com o estudo realizado por Teixeira *et al.* (2021), os estudantes de Medicina apresentaram altos índices de sofrimento psíquico durante o período pandêmico, justificado pela má adaptação ao ensino à distância, dificuldade de concentração, preocupação pelo atraso da formação e medo de se infectar pelo vírus. E associado a este cenário, detemos as questões financeiras, tendo em vista a perda de poder econômico da sociedade como um todo.

Sendo assim, este estudo objetiva analisar a prevalência de sintomas depressivos em acadêmicos do curso de Medicina de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Goiás, através do Inventário de Depressão de Beck (BDI-II).

MÉTODO

PARTICIPANTES

A amostra deste estudo foi composta por 30 estudantes do curso de Medicina, regularmente matriculados no sexto semestre de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Goiás. Os participantes foram escolhidos conforme sua disponibilidade de participar da pesquisa, atendendo ainda os critérios de inclusão: maiores de 18 anos e assinatura do Termo

Consentido Livre e Esclarecido. Foram excluídos da pesquisa aqueles que não quiseram participar e estudantes de semestres diferentes.

Os indivíduos eram de ambos os sexos, sendo a maioria do sexo feminino 76,7% (23). A média de idade foi de 23,2 ($\pm 3,1$), sendo que não houve diferença significativa entre o sexo ($p=0,532$), enquanto a média de idade do sexo feminino foi de 22,96 ($\pm 2,9$) e do sexo masculino de 24,0 ($\pm 3,9$) anos. A maioria reportou o estado civil solteiro 93,3% (28) e religião católica 46,7% (14). No que diz a respeito à saúde mental, 46,7% (14) relataram nunca ter feito acompanhamento psicológico, enquanto 70% (21) nunca realizaram acompanhamento psiquiátrico, conforme a Tabela 1.

TABELA 1 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES

Variáveis	n	%
Gênero		
Feminino	23	76,7
Masculino	7	23,3
Estado civil		
Solteiro	28	93,3
Divorciado	1	3,3
Outros	1	3,3
Religião		
Católica	14	46,7
Evangélica	11	36,7
Espírita	3	10
Outra	2	6,7
Já fez acompanhamento psicológico		
Sim	16	53,3
Não	14	46,7
Já fez acompanhamento psiquiátrico		
Sim	9	30
Não	21	70

Fonte: Dados da pesquisa.

INSTRUMENTOS

Para avaliar os sintomas depressivos utilizou-se o Inventário de Depressão de Beck (BDI-II). Trata-se de um questionário de autoaplicação com 21 itens, com finalidade medir a intensidade dos sintomas depressivos. Sendo subdividido por escores: 0-11 (mínimo); 12-19 (leve); 20-35 (moderado); 36-63 (grave). O BDI-II é amplamente utilizado tanto em pesquisas quanto na prática clínica, apresentando um coeficiente alfa de Cronbach de 0,93 para paciente e 0,92 para estudantes universitários, segundo Smarr e Keefer (2003). De acordo com o Sistema

de Avaliação de Testes Psicológicos (2021), o teste foi aprovado em 2010 com prazo dos estudos de normatização até 2025 e validade até 2030.

Utilizou-se ainda um questionário sociodemográfico desenvolvido pelos autores para a construção desta pesquisa. Foram aplicadas questões que podem estar intimamente relacionadas a depressão nos estudantes, tais como: idade, sexo, estado civil, religião e acompanhamento psicológico e psiquiátrico.

PROCEDIMENTOS

Após a provação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Rio Verde (UniRV) no dia 24 de agosto de 2021, através do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 49865321.4.0000.5077, foi estabelecido o contato com os participantes, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente a assinatura do termo, foram entregues os instrumentos da pesquisa. O tempo médio de resposta aos questionários foi de aproximadamente 15 minutos.

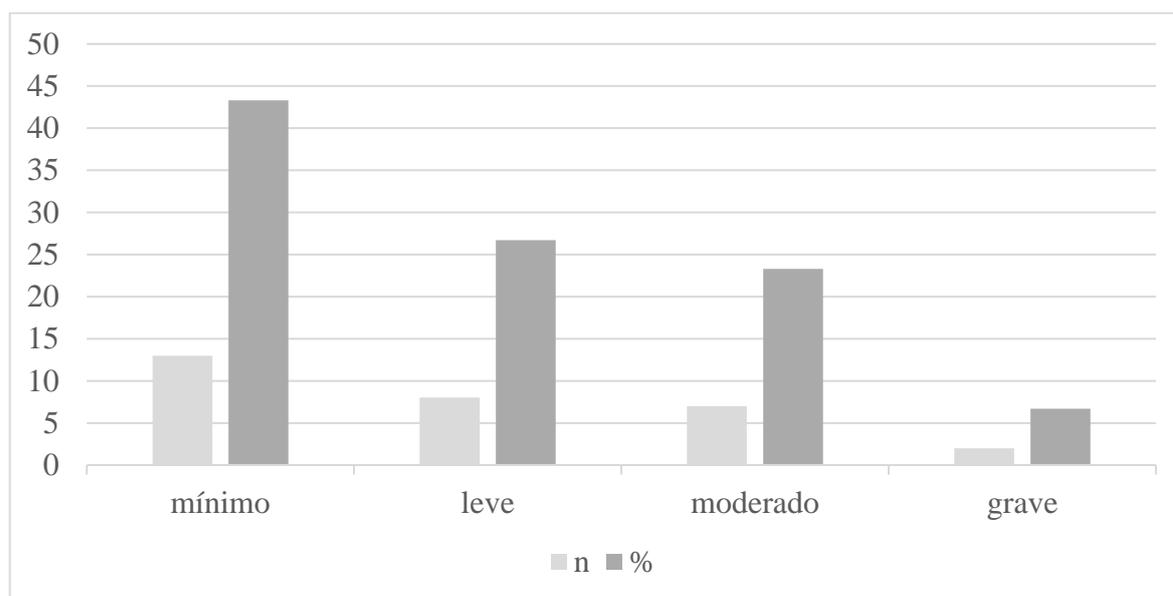
ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram tabulados e analisados nos *softwares SPSS - Statistical Package for the Social Science* versão 29.0 e *Microsoft Excel* 2021. As variáveis qualitativas foram apresentadas em números absolutos e proporções e as medidas de associação entre elas foram feitas com aplicação do Teste Qui-quadrado e Teste exato de *Fisher*, segundo o tamanho da amostra. As variáveis quantitativas foram apresentadas com as médias e desvio-padrão. Para a análise de distribuição foi aplicado o Teste de *Kolmogorov-Smirnov* e, de acordo com a distribuição identificada, foram utilizados testes paramétricos como teste *t de Student* ou testes não paramétricos como *Mann-Whitney U*. Para todos os testes foi utilizado um nível de significância de 5% e intervalo de confiança de 95%.

RESULTADOS

A prevalência de sintomas depressivos entre os estudantes da amostra foi de 56,7% (17). Com relação a distribuição entre os acadêmicos, 43,3% (13) foram classificados com sintomas mínimos, 26,7% (8) com sintomas leves, 23,3% (7) com sintomas moderados e 6,7% (2) com sintomas graves. O estudo não encontrou diferença estatística significativa na associação entre os níveis de sintomas depressivos e os fatores sociodemográficos, de acordo com a Figura 1.

FIGURA 1 – CLASSIFICAÇÃO DOS SINTOMAS DEPRESSIVOS DE ACORDO COM O INVENTÁRIO DE BECK (BDI-II)



Fonte: Dados da pesquisa.

Em análise dicotomizada entre as categorias do BDI-II, 5 (55,6%) acadêmicos com sintomas moderados e graves fazem ou já fizeram acompanhamento psiquiátrico ($p=0,046$). Essa mesma associação não foi encontrada para consulta com psicólogos. Em outra interpretação evidencia-se que 81% dos estudantes que apresentam sintomas mínimos e leves nunca fizeram acompanhamento psiquiátrico, segundo da Tabela 2.

TABELA 2 - RELAÇÃO ENTRE SINTOMAS DO INVENTÁRIO DE DEPRESSÃO DE BECK (BDI- II) E ACOMPANHAMENTO COM PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL.

BDI Categorias	Faz acompanhamento psiquiátrico n (%)	Não faz acompanhamento psiquiátrico n (%)	Valor de p*
mínimo e leve	4 (19,0)	17 (81,0)	0,046
moderado e grave	5 (55,6)	4 (44,4)	
	Faz acompanhamento psicológico n (%)	Não faz acompanhamento psicológico n (%)	
mínimo e leve	10 (47,6)	11 (52,4)	0,338
moderado e grave	6 (66,7)	3 (33,3)	

Fonte: Dados da pesquisa. *Teste qui-quadrado.

DISCUSSÃO

Este estudo revelou alta prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina (56,7%), resultado semelhante encontrado na pesquisa realizada no Brasil por Maia *et al.* (2020), cuja prevalência foi de 45,2%. No entanto, de acordo com uma revisão sistemática e metanálise realizada por ROTENSTEIN *et al.* (2016) em 47 países e envolvendo 129.123 estudantes de Medicina, a prevalência geral de depressão ou sintomas depressivos foi de 27,2%, com variações entre 24,7% e 29,9%.

Tais divergências nas prevalências identificadas na literatura científica podem ter transcorrido devido as diferentes características locais e culturais da amostra de estudantes, das metodologias utilizadas e dos tipos de instrumentos aplicados para coleta dos dados (SACRAMENTO *et al.*, 2021).

A prevalência de sintomas depressivos entre os estudantes de Medicina neste estudo foi maior do que a relatada na população geral. O estudo realizado por Gameiro *et al.* (2008), demonstrou a prevalência de 19,2% de sintomas depressivos nos 307 indivíduos pesquisados. Desse modo, tal achado sugere que a prevalência de sintomas depressivos é essencialmente maior entre os acadêmicos de Medicina.

O elevado número participante do sexo feminino encontrado nesta pesquisa está associado com diversos estudos os quais apontam que as mulheres apresentam mais sintomas depressivos que os homens, fato que não se limita apenas em Escolas Médicas (OLIVEIRA, 2013; PAULA *et al.*, 2014; MOUTINHO *et al.*, 2017; COITÉ *et al.*, 2019; SANTOS *et al.*, 2021. Entretanto, acredita-se que o ambiente e o suporte sociocultural do gênero feminino estejam ligados a este resultado (LIMA, 1999).

Embora a alta prevalência de transtornos depressivos seja em mulheres, é inidentificável particularidades entre os gêneros relacionado aos sintomas, curso, resposta ao tratamento ou consequências funcionais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Ademais, Scheffer e Cassenote (2013) evidenciam a transição demográfica do gênero dentro da Medicina no Brasil. Apesar de ainda ser uma profissão com predomínio masculino, os novos médicos consistem em maior participação das mulheres, demonstrando uma feminização da Medicina no país.

Em relação ao estado civil, não foi possível estabelecer uma correlação significativa com o a sintomatologia depressiva. Por conseguinte, diversos estudos apontam para maior prevalência de sintomas depressivos em estudantes solteiros. (OLIVEIRA, 2013; COITÉ *et al.*,

2019; SANTIAGO *et al.*, 2021). Entretanto, o casamento foi identificado como um intensificador da situação, devido as responsabilidades adquiridas após a união, exceto, em casos em que o cônjuge esteja inserido no mercado de trabalho se responsabilize pelas dificuldades materiais existentes (FORTES, 1973).

Silva, Cerqueira e Lima (2014) consideraram que fato de possuir uma crença religiosa é um fator protetor significativo para a diminuição da depressão, apesar de todos os participantes da pesquisa terem alguma religião. Wachholtz e Rogoff (2013) concluíram que os acadêmicos de Medicina americanos com baixo nível de espiritualidade apresentaram níveis elevado de sofrimento psicológico.

Em referência ao fato de que a maioria dos acadêmicos não terem realizado acompanhamento psiquiátrico em tempo algum, tal achado convergem com o resultado encontrado por Santiago *et al.* (2021), o qual identificou que 71% dos estudantes de Medicina e Enfermagem nunca fizeram tratamento com psiquiatra e 60% jamais realizaram psicoterapia. Também, Oliveira (2013) identificou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia que 83,6% e 73,3% nunca fizeram acompanhamento psiquiátrico e psicoterápico, respectivamente.

Outro aspecto relevante está no processo de aprendizagem adotada pelo Centro Universitário pesquisado. A Aprendizagem Baseada em Problema (ABP) é centrada no aluno, que passa a ser o principal ator responsável pelo seu processo de aprendizagem, exigindo maior comprometimento pessoal e, conseqüentemente, sendo produtora de altos níveis de ansiedade em estudantes (BENTO *et al.*, 2017, p.181).

Em um estudo comparativo dos sintomas depressivos entre estudantes de Medicina utilizando a ABP e a metodologia tradicional, Aragão *et al.* (2018) descobriram que a prevalência da sintomatologia depressiva entre alunos com ABP foi significativamente maior do que em estudantes da metodologia tradicional, com 29,73% e 22,12%, respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou a prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina e encontrou uma taxa de 56,7%, superior à população em geral e similar a outros estudos no Brasil. Por seguinte, destaca-se que a Instituição onde foi executado a pesquisa desfruta do Núcleo de Atendimento Psicopedagógico, o qual oferta atendimentos psicológicos aos acadêmicos. Dessa forma, acredita-se que os resultados deste estudo possam contribuir para

planejar ações que objetivam reduzir os sintomas depressivos e conscientizar a comunidade acadêmica em identificação dos fatores de risco e a busca em atendimentos.

As universidades e cursos de Medicina devem adotar estratégias para minimizar o sofrimento dos estudantes e melhorar sua saúde mental e bem-estar geral. Várias propostas de enfrentamento têm sido sugeridas, como programas de prevenção, apoio psicológico acessível, suporte de pares, atividades de bem-estar e uma cultura de cuidado e apoio mútuo. É essencial que haja um compromisso e apoio de toda a comunidade acadêmica no enfrentamento da depressão.

Embora a presente pesquisa apresente pontos pertinentes, como o emprego de um instrumento com notoriedade nacional e internacional, tem-se algumas limitações. Por ser um estudo transversal não há possibilidade de acompanhar a associação entre os fatores de risco e o aparecimento da sintomatologia depressiva.

Apesar disso, este estudo pode ser utilizado para embasar novas pesquisas entre acadêmicos de Medicina, umas vezes que ficou demonstrado que mesmo em uma amostra pequena encontramos indícios de sintomatologia depressiva. Considerando a extensa carga horaria do curso e o nível de dedicação dos estudantes, é necessário que essa população seja acompanhada e tenha intervenções que limitem o adoecimento ou até mesmo que minimizem o impacto da sintomatologia apresentada.

REFERÊNCIAS

ADEWUYA, A. O.; OLA, B. A., ALOBA, O. O., MAPAYI, B. M., *et al.* Depression amongst Nigerian university students: prevalence and sociodemographic correlates. **Social psychiatry and psychiatric epidemiology**, v. 41, n. (8), p. 674–678. 2006. <https://doi.org/10.1007/s00127-006-0068-9>

ALVARENGA, P. G. de; ANDRADE, A. G. Transtornos depressivos. In ZANETTI, M. V.; LAFER, B. **Fundamentos em Psiquiatria**. 1. ed., p. 141. Barueri, SP: Manole, 2008.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

ARAGÃO, José Aderval; FREIRE, Marianna Ribeiro de Menezes; FARIAS, Lucas Guimarães Nolasco, *et al.* Prevalence of depressive symptoms among medical students taught using problem-based learning versus traditional methods. **International Journal Of Psychiatry In Clinical Practice**, v. 22, n. 2, p. 123-128, 3 out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1080/13651501.2017.1383438>.

BENTO, Leda Márcia Araújo; ANDRADE, Luciana Paes de; SALES, Antonio, *et al.* Percepção dos Alunos de Medicina Quanto a Aprendizagem X Ansiedade na Metodologia

Ativa. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 18, n. 2, p. 178-182, 24 jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.17921/2447-8733.2017v18n2p178-182>.

COITÉ, L. C. S.; COSTA, R. M. S.; ROCHA B. O., *et al.* Frequência de sintomas depressivos em estudantes de medicina e sua relação com a distância entre o seu local de moradia e o ambiente familiar. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 23, n. 2, p.109-124, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE TESTES PSICOLÓGICOS. **Testes Favoráveis.** Disponível em: <https://satepsi.cfp.org.br/testesFavoraveis.cfm> Acesso em: 20 set. 2022.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; GONTIÈS, Bernard; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de, *et al.* Depressão, um sofrimento sem fronteira: representações sociais entre crianças e idosos. *Psico-Usf*, v. 8, n. 2, p. 183-192, dez. 2003. [Http://dx.doi.org/10.1590/s1413-82712003000200010](http://dx.doi.org/10.1590/s1413-82712003000200010).

ENNS, Murray W; COX, Brian J; SAREEN, Jitender *et al.* Adaptive and maladaptive perfectionism in medical students: a longitudinal investigation. **Medical Education**, v. 35, n. 11, p. 1034-1042, jul. 2008. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2923.2001.01044.x>.

FARIAS, Heitor Soares de. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. **Espaço e Economia**, v. 9, n. 17, p. 01-13, 7 abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/fariasespacoeconomia.11357>.

FORTES, J. R. A. Saúde mental do universitário. **Neurobiologia**, 36 (suplemento), p. 13-24, 1973.

GAMEIRO, S.; CARONA, C.; PEREIRA, M., *et al.* Sintomatologia depressiva e qualidade de vida na população geral. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 9, n. 11, p. 103-112, 2008.

HAHN, Michelle Selma; FERRAZ, Marcos P. Toledo; GIGLIO, Joel Sales. A Saúde Mental do Estudante Universitário: sua história ao longo do século xx. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 23, n. 2-3, p. 81-89, dez. 1999. [Http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v23.2-3-011](http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v23.2-3-011).

LIMA, Maurício Silva de. Epidemiologia e impacto social. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 21, n. 1, p. 01-05, maio 1999. [Http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44461999000500002](http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44461999000500002).

MAIA, Heros Aureliano Antunes da Silva; ASSUNÇÃO, Ana Carolina Silva; SILVA, Caroline Santos, *et al.* Prevalência de Sintomas Depressivos em Estudantes de Medicina com Currículo de Aprendizagem Baseada em Problemas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 3, p. 01-07, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20200005>.

MANSUR, C. G. Depressão e mania. In MANSUR C. G.; DUARTE L. S., **Psiquiatria para o médico generalista**, 1. ed., p. 179-182. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

MILLAN, L. R.; DE MARCO, O. L. N.; ROSSI, E., *et al.* Alguns aspectos psicológicos ligados à formação médica. In **O universo psicológico do futuro médico: vocação, vicissitudes e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MOUTINHO, Ivana Lúcia Damásio; MADDALENA, Natalia de Castro Pecci; ROLAND, Ronald Kleinsorge, *et al.* Depression, stress and anxiety in medical students: a cross-sectional comparison between students from different semesters. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 63, n. 1, p. 21-28, jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.63.01.21>.

OLIVEIRA, Elisângela Neves de. **Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia**. 2013. 48 f. Monografia (Conclusão de curso) - Curso de Medicina, Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depressão**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/depression>. Acesso em 15 set. 2022.

PAULA, J. A.; BORGES, A. M. F. S.; BEZERRA, L. R. A., *et al.* Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. **Journal of Human Growth and Development**, v. 24 n. 3, p. 274-281, 2014.

ROSSETTO, M. A. C.; SKAWINSKI, L. S. R.; COELHO, A. C. P., *et al.* Avaliação das características psicológicas dos estudantes de medicina por meio do método de Rorschach. **Revista Psikhe**, n. 5, v. 2, p. 41-51, 2000.

ROTENSTEIN, Lisa S.; RAMOS, Marco A.; TORRE, Matthew, *et al.* Prevalence of Depression, Depressive Symptoms, and Suicidal Ideation Among Medical Students. **Jama**, v. 316, n. 21, p. 2214-2236, dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1001/jama.2016.17324>.

SACRAMENTO, Bartira Oliveira; ANJOS, Tassiana Lima dos; BARBOSA, Ana Gabriela Lopes, *et al.* Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: estudo de prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 1, p. 01-07, 2021. [Http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200394](http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200394).

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. Transtornos do humor. In SADOCK B. J.; SADOCK V. A.; RUIZ P., **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**, 11. ed., p. 347. Porto Alegre, RS: Artmed, 2017.

SANTIAGO, Mathews Barbosa; BRAGA, Odete Silva; SILVA, Polyanna Rodrigues da, *et al.* Índices de depressão, ansiedade e estresse entre estudantes de enfermagem e medicina do Acre. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 73-84, fev. 2021. [Http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rps.v10i1.3374](http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rps.v10i1.3374).

SANTOS, Larissa Barreto dos; NASCIMENTO, Karina Gomes do; FERNANDES, Andréia Guedes Oliva, *et al.* Prevalência, severidade e fatores associados à depressão em estudantes universitários. **Smad Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português)**, v. 17, n. 1, p. 92-100, mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.167804>.

SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. A feminização da medicina no Brasil. **Revista bioética**, v. 21, n. 2, p. 268-277, 2013.

SILVA, Adriano Gonçalves; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos; LIMA, Maria Cristina Pereira. Social support and common mental disorder among medical students. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 229-242, mar. 2014. [Http://dx.doi.org/10.1590/1415-790x201400010018eng](http://dx.doi.org/10.1590/1415-790x201400010018eng).

SMARR, Karen L.; KEEFER, Autumn L.. Measures of depression and depressive symptoms: beck depression inventory-ii (bdi-ii), center for epidemiologic studies depression scale (ces-d), geriatric depression scale (gds), hospital anxiety and depression scale (hads), and patient health questionna. **Arthritis Care & Research**, v. 63, n. 11, p. 454-466, nov. 2011. [Http://dx.doi.org/10.1002/acr.20556](http://dx.doi.org/10.1002/acr.20556).

TATEBE, F. M., TAROMARU L. K., AMORIM M. R., *et al.* Transtornos emocionais em estudantes de medicina. **Revista Iniciação Científica ULBRA**, v. 17, n. 1, p. 1-12, 2019.

TEIXEIRA, Larissa de Araújo Correia; COSTA, Ricardo Alves; MATTOS, Roberta Machado Pimentel Rebello de, *et al.* Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [S.L.], v. 70, n. 1, p. 21-29, mar. 2021. [Http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000315](http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000315).

VALLILO, N. G., JÚNIOR R. D., GOBBO R., *et al.* Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Clínica Médica São Paulo**, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2011.

WACHHOLTZ, Amy; ROGOFF, Mailan. The relationship between spirituality and burnout among medical students. **Journal Of Contemporary Medical Education**, v. 1, n. 2, p. 83, 2013. [Http://dx.doi.org/10.5455/jcme.20130104060612](http://dx.doi.org/10.5455/jcme.20130104060612).